

Taxonomias dominicanas ítalo-ibéricas: entre exaltação de dignidade(s) e proposta de um arquétipo (sécs. XVII-XVIII)

Paola Nestola*

1. Premissa

O título do presente estudo nasce do aprofundamento de uma trajetória de pesquisa desenvolvida nos últimos meses, os cujos primeiros resultados foram apresentados no ano 2014, durante o Seminário de História Religiosa Moderna, realizado na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, assim como no *workshop* internacional organizado no Centro de História Além Mar da Universidade Nova de Lisboa¹. Naqueles percursos preliminares a atenção centrou-se sobre obras dominicanas luso-italianas com uma forte componente apologética e autorrepresentativa, confrontadas com outras editadas por congregações diferentes, de antiga ou nova instituição tridentina, com o fim de identificar códigos expressivos específicos e, ao mesmo tempo, distinguir as linhas de erudição que conectavam os territórios europeus entre o final do século XVII e o início do século seguinte. Na presente proposta interpretativa, estes itinerários ampliam-se, seguindo outros exemplos literários realizados pelos dominicanos e, sobretudo, com novos elementos analíticos mais

* Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra. Esta pesquisa está associada ao Projecto de pós-doc FCT (SFRH/BPD/62887/2009). Muito agradeço pela pronta e participativa revisão do texto em português ao amigo Dr. Sérgio Gorjão. Com o mesmo sentir agradeço aos professores e aos colegas, pela oportunidade tida de apresentar os primeiros resultados da pesquisa em Lisboa na UCP e no CHAM da UNL; assim como ao pessoal da Biblioteca Casanatense de Roma, da Biblioteca João Paulo II da Universidade Católica Portuguesa, da Biblioteca Nacional (Lisboa), e pela generosa disponibilidade de algumas das imagens que se reproduzem nessas actas.

¹ Paola NESTOLA, “*Não caberão em todas as paredes delle os seus retratos*’.Galerias apologéticas luso-italianas das ordens religiosas: entre elencos eruditos e listas iconográficas (sécs. XVII-XVIII)”, in António Camões GOUVEIA, David Sampaio BARBOSA, José Pedro PAIVA, Antónia Fialho CONDE, Zulmira SANTOS (coord.), *O Clero Regular*, Lisboa: CEHR, Universidade Católica Portuguesa, (no prelo); pelo programa do seminário e da sessão n.º 4 - 17 de Junho de 2014: http://www.ft.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1005&lang=1&artigo=152&artigoID=679, processado em 21/12/2015. Idem, *Linhas de erudição ou itinerários do olhar?Listas dominicanas barrocas entre Lisboa e Península Itálica*, Workshop internacional, “Portugal e os territórios italianos (sécs.XVI-XVIII). Linhas de investigação”, 22 de Setembro de 2014, (Coord. Científica: P. Nestola, D. Martín Marcos, F. Zamora Rodríguez, P. Cardim).

pertinentes à luz dos tópicos que pretende alcançar o Simpósio Internacional, focado sobre as Novas Fronteiras dos Estudos Inquisitoriais².

A monumental obra *Dizionario Storico dell'Inquisizione*, editada em 2010, constitui uma etapa fulcral no percurso comparado e sincrónico da atual historiografia, centrada sobre a ordem tradicionalmente preposta à defesa da ortodoxia. O primeiro volume do *Dizionario* regista as três entradas consagradas aos *Dominicanos* em Itália, Portugal e Espanha, redigidas com rigor de informação respetivamente por Giovanna Paolin, José Pedro Paiva e Roberto Lopez Vela³. Apresentam-se, assim, de forma articulada, os itinerários e as perspetivas analíticas, os tópicos e estereótipos revisitados, que gravitam ao redor da extensa família dos “cães” da ortodoxia, *perros* da fé, ou *Domini canes*⁴.

O propósito da intervenção insere-se nessa trajetória sincrónica e, ao mesmo tempo, global, ou melhor, cruzada, visando apresentar três textos diversos concebidos no sul de Europa: uma obra em português, uma em italiano e uma em latim, editadas entre o final do século XVII e a primeira metade do século XVIII.

Dos três volumes considerados, somente o livro em português se encontra na Biblioteca Nacional de Espanha; analogamente com quanto acontece nos fundos das bibliotecas lusas⁵. Por outro lado, nas bibliotecas nacionais italianas é difícil encontrar a obra do autor português da ordem dominicana, conhecido por outros volumosos textos de sua autoria⁶. São significativas as particularidades topográficas desses livros nas bibliotecas, que tornam mais interessante estas três obras, até agora pouco estudadas pelas historiografias ítalo-ibéricas. Além disso, em dois dos três volumes revelam-se outros elementos de atenção, como o facto de terem, além das informações escritas,

² Paola NESTOLA, “Alcalá 2015: Lupas Internacionais e Perguntas Inquisitoriais a Debate. Nuevas Fronteras, III Simposio Internacional de Estudios Inquisitoriales”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 15, 2015, pp. 254-258.

³ Cf. entradas: “Italia”, “Portogallo”, “Spagna”, in Adriano PROSPERI (Dir.), Vincenzo LAVENIA e John TEDESCHI (coll.), *Dizionario Storico dell'Inquisizione*, voll. I-IV, Pisa: Edizioni della Normale, 2010, vol. I, pp. 498-505.

⁴ Carlo LONGO, “Vulpes et canes, publicistica domenicana tra riforma e rivoluzione”, in *Idem* (coord.), *Praedicatores, Inquisitores III, I domenicani e l'Inquisizione romana*, Roma: Istituto Storico Domenicano, 2008, pp. 11-31, pp. 17-18.

⁵ Pesquisa efetuada a partir dos seguintes catálogos online: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/webcat>; <http://porbase.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=porbase>, acesso em 21/12/2015.

⁶ Pesquisa efetuada a partir do seguinte catálogo online: <http://www.sbn.it/opacsbn/opac/iccu/base.jsp>, acesso em 21/12/2015.

aparatos iconográficos paratextuais, como as gravuras que precedem em particular os frontispícios dos textos em italiano e em latim⁷.

Conforme quanto intentarei demonstrar, através das análises das obras taxonómicas escolhidas, será possível:

- Refletir sobre textos usados para organizar o conjunto dos membros da própria família pela ordem tradicionalmente comprometida na defesa da ortodoxia;
- Individualizar as linhas de erudição que conectam territórios europeus diferentes entre final do século XVII e início do seguinte;
- Identificar códigos expressivos específicos desses textos impressos, concebidos quer em Portugal quer na península Italiana, sem descuidar as ligações com os frades dominicanos oriundos de Espanha.

2. O Claustro Dominicano: a obra, o título, os poderes

Começando pela primeira obra, cujo título é *Claustro Dominicano*, editada em Lisboa, em 1729⁸, por Frei Pedro Monteiro, frade dominicano e membro da Real Academia de História⁹, este texto pode ser considerado uma obra apologética que, de maneira eficaz, apresenta uma interessante organização dos religiosos da *ordo praedicatorum*. Editado pelo académico lisboeta, conhecido também pela sua defesa inquisitorial, sendo também autor das obras *Noticias geral das Santas Inquisições deste reino e suas conquistas, ministros officiaes de que cada uma se compoem*, 1721-1725; *História da Santa Inquisição do Reyno de Portugal e suas conquistas 1749-1750*, em particular o *Claustro dominicano* representa um texto que exalta a polivalente, universal e diuturna função da ordem dos pregadores, preposição que se observa, desde logo, no título.

Na arquitetura monástica o claustro representava o edifício central rodeado por galerias que ligavam ao interior do convento, sendo um ponto de articulação de todos os outros espaços da vida da regra. Ao invés de obras arquitetónicas, residências fixas

⁷ Sobre esses elementos paratextuais: Genoveffa PALUMBO, *Le porte della storia. L'età moderna attraverso antiporte e frontespizi figurati*, Roma: Viella, 2012.

⁸ A obra foi editada por Antonio Pedrozo Gairam.

⁹ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. III, Lisboa: Oficina Ignacio Rodrigues, 1752, pp. 602-604.

como os conventos, o volume *Claustro dominicano*, na estrita materialidade do seu suporte¹⁰, era manuseável, transportável e mais económico.

Concebida pelo autor dominicano como uma obra editorial, constituída por quatro volumes¹¹, este projeto produzia, enfim, uma tangível expressão de uma instituição que, desde a Idade Média, se ampliava fundando as suas raízes num remoto passado e, em simultâneo, se espalhava geograficamente¹². Por outro lado podemos entender essa obra como uma leitura ascensional, composta por diferentes “lanços”, ou seja, por degraus sucessivos, formando escadas entre dois patamares¹³.

Recentemente o ativismo do frade dominicano foi salientado sobretudo como historiador, atento à definição interna do Tribunal da Fé, com o qual a ordem de São Domingos tinha conseguido um papel privilegiado: uma umbilical relação marcada por etapas, nem sempre lineares e harmónicas, segundo claras linhas individualizadas, desde 2004, por José Pedro Paiva¹⁴. Aquele projeto de exaltação dos membros “vestidos de branco” nas estruturas da Inquisição, fundada em 1536, recaía originariamente na vasta implantação do *Claustro dominicano*, ao qual o autor-arquiteto teria dedicado o *lanço*

¹⁰ Ana Isabel BUESCU, *Cultura impressa e cultura manuscrita em Portugal na Época Moderna. Uma sondagem*, in *Idem, Memória e Poder. Ensaios de história cultural (séculos XV-XVIII)*, Lisboa, Edições Cosmos, 2000, pp. 29-48.

¹¹ O interessante documento foi elaborado por esse frade predicador e académico no segundo decénio de Setecentos (13 de Maio de 1723, segundo a data da autorização do volume redigida pelo provincial). A obra completa era concebida por quatro “lanços”: Pedro MONTEIRO, *Claustro Dominicano*, pp. 3-4. Relativamente o primeiro volume do *Claustro dominicano*, segundo a autorização de frei Joseph de Souza, este qualificador do Santo Ofício dizia que “parece fabricado para habitação do tempo”, *ibidem*. No século passado, foi mais leve o juízo de Fortunato de Almeida sobre esta obra considerada “volumosa, porém cheia de negligências e inexatidões”, Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, Coimbra: Imprensa Académica, 1915, t. III, p. 368.

¹² Usada isoladamente ou em combinação à simbologia vegetal da árvore, sobre a metáfora do edifício para representar a existência de uma hierarquia entre os componentes da ordem: Dominique Donadieu-RIGAUT, *Penser en images les ordres religieux: XIIe-XVe siècles*, Paris: Ed. Arguments, 2005.

¹³ O teatino Rafael Bluteau na entrada correspondente, entre os diferentes significados da palavra “lanço” (Extensão, espaço, comprimento de um muro, edifício), retomava o termo latim *Ala-ae* de Vitruvius: Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez & Latino Aulico, Anatomico, Architectonico...*, Lisboa: Pascoal Da Sylva, vol. K-N, 1716, p. 35. Por sua parte António De Morais Silva acrescentava o específico significado estrutural arquitetónico: António De Morais SILVA, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Ed. Confluência, 1945, vol. VI, pp. 141-142.

¹⁴ José Pedro PAIVA, “Os dominicanos e a Inquisição em Portugal (1536-1614)”, in Arturo BERNAL PALACIOS (ed.), *Praedicatores, Inquisidores-II Los Dominicos y la Inquisición en el mundo ibérico e hispanoamericano*. Actas del 2º Seminario Internacional sobre los Dominicos y la Inquisición, Sevilla, 3-6 de Marzo de 2004, Roma: Istituto Storico Domenicano, 2006, pp. 504-573; Giuseppe MARCOCCI; José Pedro PAIVA, *História da Inquisição portuguesa (1536-1821)*, Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013, pp. 450-451, 547.

*segundo*¹⁵. Contudo, depois da edição de obras específicas e mais aprofundadas como a *História da Santa Inquisição do Reyno de Portugal e suas conquistas* (1749-1750), este desenho apologético de legitimação tornou-se uma defesa autónoma¹⁶.

A volumosa obra do Monteiro, pensada inicialmente em 4 “lanços”, por um lado inseria-se no debate contra o académico franciscano Frei Manuel de São Dâmaso, representante da concorrente ordem mendicante, com um papel privilegiado na Inquisição portuguesa¹⁷. Por outro, inseria-se nos debates animados na Real Academia de História, instituição apoiada pelo rei na qual eram envolvidos, sobretudo, os padres da congregação dos clérigos regulares da Divina Providência, autores ativos de história secular e eclesiástica¹⁸.

Conforme se pode ver no frontispício, o *Claustro Dominicano* era oferecido ao real mecenas, o rei Magnânimo D. João V, evocado em letras capitulares, como também através da representação das armas reais portuguesas.

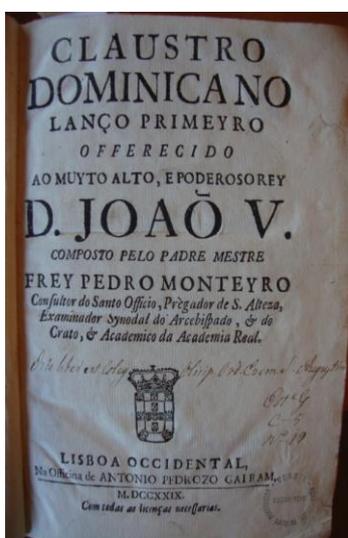


Fig. 1, Pedro Monteiro - *Claustro Dominicano*, Lisboa, 1729

¹⁵ Veja-se o programa no Prologo do *Claustro Dominicano*; e ainda as declarações (26 de Maio de 1735) do jesuíta Manoel de CAMPOS, *Elogio Funebre do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Pedro Monteiro Académico da Academia Real da Historia Portugueza*, [s.l.], [s.a.], pp. 13-14.

¹⁶ José Pinharanda GOMES, “Fr. Pedro Monteiro, O.P. e a História da Inquisição”. In *Actas do II Encontro de História Dominicana*, Porto, [s.n.], 1987, t. III, pp. 85-126.

¹⁷ Giuseppe MARCOCCI; José Pedro PAIVA, *História da Inquisição portuguesa*, pp. 450-451.

¹⁸ Isabel Mota FERREIRA, *A Academia Real de História. Os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no séc. XVIII*, Coimbra: Minerva, 2003; António Camões GOUVEIA, “Teatinos”, in Carlos Moreira AZEVEDO (Dir.), *Dicionário de História de Portugal vol. P-V*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, pp. 271-274; João de Figueirôa RÊGO, *Reflexos de um poder discreto*, Lisboa: Caleidoscópio, 2008.

Consagrado ao soberano, amante de livros e da leitura, o rei D. João V era o principal mecenas da Real Academia de História, instituto que dinamizava a produção e o mercado do livro em Portugal. Era o mesmo D. João V o principal dispensador de graças e mercês, de cargos proeminentes também no universo eclesiástico. Possivelmente a intenção de Monteiro era a de favorecer e revitalizar o conhecimento do soberano sobre a ordem à qual pertencia. Dito de outra forma, Frei Pedro Monteiro queria guiar, possivelmente, o “itinerário do olhar” do rei Magnânimo, principal dispensador de mercês também nas hierarquias eclesiásticas naquela conjuntura afetada pelas ordens regulares¹⁹.

Neste sentido, podemos retomar uma ideia desenvolvida em 1988 por Ana Isabel Buescu, baseada na obra *O Peregrino Instruído*, um pequeno escrito anónimo mas, na realidade, composto nas primeiras décadas do século XVIII pelo teatino Frei Manuel Caetano Sousa²⁰. A obra, de acordo com a análise de Buescu, constituía uma forma específica de observação, um descanso contemplativo estruturado como um rol de questões sobre homens e coisas do estado eclesiástico, obedecendo quer à sua estrutura natural quer construída²¹. Uma forma organizativa usada pelo académico-clérigo e que se pode apreciar também na obra editada alguns anos depois pelo coetâneo frade dominicano Monteiro.

O *Claustro*, tem um reduzido aparato iconográfico se comparado aos outros dois textos dominicanos em referência. Um elemento sintomático, possivelmente, do facto também salientado pelo historiador de arte Vítor Serrão: “A ordem dos Pregadores incidiu a sua atuação privilegiada pela prédica, pela sermonologia e pela palavra escrita, relegando para plano secundário a sua própria afirmação pelas imagens”²².

A reduzida importância da iconografia nessa obra, não impede de todas formas o uso de uma linguagem figurada pelo seu autor. De facto a obra de Monteiro é aberta

¹⁹ José Pedro PAIVA, *Os Bispos de Portugal e do Império (1495-1777)*, Coimbra, Imprensa da Universidade Coimbra, 2006, pp. 487-489.

²⁰ Ana Isabel BUESCU, “‘O Peregrino Instruído’. Em torno de um projecto de viagem Setecentista”. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 2 (1988) pp. 27-58.

²¹ *Idem*.

²² Vítor SERRÃO, “Pintura e propaganda nos programas artísticos dominicanos em Portugal durante a Idade Moderna”, in Ana Cristina da Costa GOMES; José Eduardo FRANCO (coord.), *Dominicanos em Portugal. História, Cultura e Arte, Homenagem a José Augusto Mourão, op.*, Lisboa: Alêtheia, 2010, pp. 254-279, 278.

com a carta ao leitor, um documento paratextual no qual, através de um artifício literário, é explicitado o significado do título da obra:

Na falta [de pinturas consagradas á multidão de homens da ordem dominicana] suprem as Coronicas, & a isso mesmo se ordena esta minha pequena obra, que pela mesma razão intitulei: Claustro Dominicano²³.

De maneira eficaz o título reúne os membros da ordem dos pregadores que se formaram à sombra dos muros claustrais de São Domingos. Contudo, o icástico título retomava os estatutos da Academia Real de História, da qual Frei Pedro Monteiro era membro, assim como os objetivos fundacionais do instituto onde se cruzavam as linhas de erudição europeia do século XVII e do início do século XVIII. O académico Monteiro retomava expressamente as regras do novo discurso historiográfico elaborado na instituição que, naqueles anos, apresentava as modalidades específicas de composição, publicação e circulação da produção científica.

Não nos iremos deter sobre os estatutos da prestigiada instituição real, nem sobre a pormenorizada análise do *Claustro Dominicano*, cujo propósito era de apresentar uma tangível expressão da instituição medieval que, na diuturnidade do tempo, se espalhava geograficamente desde Oriente até Ocidente do orbe católico. Contudo, é preciso salientar como o “primeiro lanço” organizava a matéria de maneira que, os capítulos iniciais, consideravam todos aqueles religiosos naturais de Portugal elevados ao grau episcopal, ou escolhidos como confessores, pregadores, teólogos e mestres de Universidades; ou, ainda, com eminentes cargos na corte regia ou nos concílios. A última parte, ao invés, fechava com a ramificada configuração genealógica do seu patriarca fundador.

No convento de São Domingos de Lisboa um excelente programa visual retomava essa ideia, através de pinturas conservadas na sacristia da igreja dedicada ao citado santo. Ainda hoje aí se guardam duas excelentes árvores genealógicas realizadas entre final do século XVII e início do século XVIII: a *Árvore Genealógica da Ordem Dominicana, entroncando em São Domingos* e a *Árvore Genealógica da Ordem Dominicana entroncando em Afonso X* que remonta à linha familiar das Casas Reais

²³ Pedro MONTEIRO, *Claustro Dominicano*, p. 3.

peninsulares²⁴. As análises até agora efetuadas não têm oferecido uma cronologia exata da sua realização. Contudo, o ano de 1712 deve ser a marca cronológica mais próxima para a produção das referidas pinturas, considerando ser este o ano de canonização do pontífice dominicano S. Pio V Ghislieri (1566-1572)²⁵. De facto, durante o governo desse papa-inquisidor foram muitos os confrades promovidos nas hierarquias eclesiásticas, quer na Itália, como frisou Michele Miele, quer em Portugal como salientou por seu lado José Pedro Paiva²⁶. Além desse aspecto interno à regra e às hierarquias eclesiásticas, é preciso frisar outra componente da notoriedade alcançada pelo pontífice, adquirida através da bula *Si de Protegendis*, emitida em 1569 pelo rigoroso papa dominicano com um forte papel na organização da Inquisição romana²⁷. Em Portugal a bula de Pio V era lida também durante a cerimónia dos autos-da-fé, de maneira que, concordando com quanto evidenciou Francisco Bethencourt, o

²⁴ Veja-se em particular o trabalho de M.R. Vaz Freire centrado sobretudo na identificação e na descrição iconográfica, compositiva e heráldica desse segundo exemplo pictórico, datado nesse estudo entre 1680 e a primeira década do século XVIII (1705): Maria Rita Vaz FREIRE, *Árvore Genealógica- Pintura a óleo sobre tela*, trabalho final policopiado, Curso de Especialização Tecnológica em Artes Decorativas Portuguesas, Lisboa, Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 2001; sobre a datação da obra p. 53. Outros estudos sobre este espaço: Isabel Mayer Godinho MENDONÇA, “A sacristia de S. Domingos em Lisboa e o património integrado de artes decorativas”, in Ana Cristina da Costa GOMES, José Eduardo FRANCO (coord.), *Dominicanos em Portugal. História, Cultura e Arte, Homenagem a José Augusto Mourão, op.*, Lisboa: Alêtheia, 2010, pp. 350-377.

²⁵ Miguel GOTOR, “La bolla di canonizzazione di san Pio V del 1712 tra agiografia e storia”, in Vincenzo LAVENIA; Giovanna PAOLIN, *Riti di passaggio, storie di giustizia. Per Adriano Proserpi*, vol. III, Pisa: Edizioni della Normale, 2011, pp. 149-158; agora in *Idem*, “Domenicana, ovvero la santità inquisitoriale”, in *Idem*, *Santi stravaganti. Agiografia, ordini religiosi e censura ecclesiastica nella prima età moderna*, Roma: Aracne, 2012, pp. 71-179. Sobre o pontífice-inquisidor Michele Ghislieri: Simona Feci, “Pio V, santo”, in *Enciclopedia dei Papi*, 2000, [http://www.treccani.it/enciclopedia/santo-pio-v_\(Enciclopedia_dei_Papi\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/santo-pio-v_(Enciclopedia_dei_Papi)/), processado em 21/12/2015.

²⁶ Michele MIELE, “Pio V e la presenza dei domenicani nel corso della sua vita”, in Maurilio GUASCO; Angelo TORRE (coord.), *Pio V nella società e nella politica del suo tempo*, Bologna: Il Mulino, 2005, pp. 27-48; José Pedro PAIVA, *Os Dominicanos e a Inquisição*, p. 192. Durante o pontificado do Papa Ghislieri foram nomeados 3 cardeais dominicanos e até 35 bispos confrades: veja-se a entrada *Papato*. In *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, Roma: Edizioni Paoline, 1980, vol. VI, col. 1151. Para as escolhas de membros da ordem dominicanas com uma prévia carreira na organização inquisitorial e nomeados bispos no vice reino de Nápoles, ou em uma sua específica área: Paola NESTOLA, “Vescovi domenicani nelle diocesi di Terra d’Otranto in época pós-tridentina: ripartizione, origini sociali e *cursus honorum*”, in Eugenio BRUNO; Mario SPEDICATO, *In nomine Domini canis. I Domenicani nel Salento e a Copertino tra espansione e declino (secc. XV-XIX)*, Trepuzzi (Le): Maffei Ed., 2014, pp. 13-34; *Idem*, *Entre Península Ibérica e Vice Reino de Nápoles: Bispos dominicanos na época dos Habsburgo*, in *Atas do CONGRESSO INTERNACIONAL OS DOMINICANOS NO MUNDO LUSO HISPÂNICO, 23-26 Julho 2014, Sociedade de Geografia de Lisboa*, (no prelo).

²⁷ John TEDESCHI, *Il giudice e l’eretico. Studi sull’Inquisizione romana*, Milano: Vita e Pensiero, 1997, pp. 106 e 287; Elena BRAMBILLA, *Alle origini del Sant’Uffizio. Penitenza, confessione e giustizia spirituale dal medioevo al XVI secolo*, Bologna: Il Mulino, 2000, pp. 509-510; Elena BONORA, *Giudicare i vescovi. La definizione dei poteri nella Chiesa posttridentina*, Roma-Bari: Laterza, 2007, p. XIII; Paola NESTOLA, *I grifoni della fede. Vescovi-inquisitori in Terra d’Otranto tra ‘500 e ‘600*, (*Presentazioni* di M. Spedicato e di J. P. Paiva), Galatina (Le): Congedo, 2008, pp. 111-122.

documento pontifício “reafirma o apoio do Papa à acção do tribunal e impõe penas contra aqueles que ousarem opor-se à sua acção”²⁸. Além desse específico momento do espectáculo do auto-da-fé, o documento com valor universal foi promulgado ao longo dos séculos XVII-XVIII em distintas conjunturas, como que tutelava por um lado os campos de intervenção do tribunal e dos seus homens sobretudo nos momentos de conflitualidade com outros poderes; por outro, a acção das testemunhas que denunciavam os crimes e seus autores²⁹.

Portanto, seja no interior da ordem dos pregadores seja nos equilíbrios da Igreja, foi uma etapa capital a canonização do pontífice ligado intimamente ao tribunal da ortodoxia católica e a outros aspetos político-socio-culturais-litúrgicos. Sendo um marco no culto público do santo pontífice, a interpretação dessas grandes pinturas - ainda pouco conhecidas no âmbito do património artístico português - terá de ser mais aprofundada iconográfica e iconologicamente, de maneira que seja possível aventar outras conclusões mais específicas, considerando também as conexões entre implantação visual e estrutura literária da obra de Monteiro.

Também à luz desses documentos iconográficos representando árvores genealógicas, se pode sugerir a hipótese que o *Claustro Dominicano* queria distinguir a própria identidade religiosa, a origem perante outras ordens religiosas concorrentes que disputavam a cena político-sócio-religiosa, gravitando ao redor dos círculos de poder régio.

Entre as diferentes famílias de regulares, os clérigos teatinos da Divina Providência tinham uma função eminente na sociedade intelectual naqueles anos. Um primeiro plano, no âmbito linguístico, genealógico e na história eclesiástica, conforme exemplificam as figuras de Rafael Bluteau, Manoel Caetano de Sousa, António Caetano de Sousa. Também os franciscanos tinham uma ligação privilegiada com o monarca. Um expoente de proa e muito próximo ao rei Magnânimo era Frei Gaspar da Encarnação, que veiculou muitas das nomeações episcopais, quer em Portugal, quer nas dioceses de ultramar a partir dos anos vinte até os anos quarenta do século XVIII³⁰.

²⁸ Francisco BETHENCOURT, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p.217.

²⁹ *Idem*, p. 139. Para os espaços brasileiros: Bruno FEITLER, *Nas malhas da consciência. Igreja e Inquisição no Brasil*, São Paulo: Phoebus-Alameda, 2007, p. 270.

³⁰ José Pedro PAIVA, *Os Bispos de Portugal*, pp. 507-522.

Talvez o propósito de Frei Monteiro fosse o de orientar o olhar do soberano na escolha de correligionários dominicanos, expoentes de uma ordem que podia contar com uma longa lista de eminentes e zelosos prelados em épocas anteriores.

É interessante reparar nas fontes utilizadas pelo dominicano lisboeta na reconstrução do elenco episcopal de bispos da ordem de S. Domingos de Gusmão. Entre outras, são significativas algumas figuras que se distinguiram no período do pontificado de Pio V, como foi Frei Jorge Temudo, promovido arcebispo de Goa, em 1567, depois do governo da diocese de Cochim (1558-1567)³¹; e Frei Henrique de São Jerónimo (de Távora, ou de Brito), escolhido como bispo dessa diocese oriental pelo rei D. Sebastião e confirmado pelo Papa-inquisidor em 1567³². De facto, além das fontes portuguesas como as obras dos confrades Frei Luís de Cacegas e Luís de Sousa, das primeiras décadas do Seiscentos, Frei Pedro Monteiro utilizou outros textos editados na península italiana como as obras *Galleria de sommi pontefici, patriarchi, arcivescovi, vescovi dell'ordine de' predicatori*³³; ou o *Sacrum Theatrum Dominicanum*³⁴.

Nessa última parte da análise, focaremos estes textos escritos em italiano e em latim, assim como nos seus aparatos paratextuais.

3. Fontes universais para perfis ibéricos

Começamos pela *Galleria de sommi pontefici* de Gio. Michele Cavalieri, frade dominicano oriundo de Bergamo, na Lombardia. A *Galleria* - ou *Galaria* como a designa Monteiro - foi editada sob o mecenato de um dos mais ilustres membros da ordem de São Domingos: Frei Vincenzo Maria Orsini, bispo de Manfredonia (1675-80), depois de Cesena (1680-86), promovido sucessivamente como arcebispo de Benevento (1686-1724), eleito cardeal (1672) e por fim escolhido como papa, com o nome de Bento XIII (1724-1730)³⁵.

³¹ Pedro MONTEIRO, *Claustro Dominicano*, pp. 32-33.

³² *Idem*, pp. 45-46.

³³ Pelo perfil dos dois prelados, cf. Gio. Michele CAVALIERI, *Galleria de sommi pontefici, patriarchi, arcivescovi...*, Benevento: Stamperia Arcivescovale, 1696, pp. 435-436; 473-474.

³⁴ Pelo perfil dos dois arcebispos na diocese de Goa, cf. Vincenzo Maria FONTANA, *Sacrum Theatrum Dominicanum*, Roma: Typographia Nicolai Angeli Tinassi, 1666, p. 77.

³⁵ Cf. a entrada redigida por Gaspare DE CARO, in *Enciclopedia dei Papi*, Roma: Istituto Enciclopedia Italiana, 2000, [http://www.treccani.it/enciclopedia/benedetto-xiii_\(Enciclopedia_dei_Papi\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/benedetto-xiii_(Enciclopedia_dei_Papi)), processado em 21/12/2015.

Em Benevento, na imprensa episcopal deste ativíssimo prelado, foram publicados, em 1696, os dois tomos de Cavalieri, confrade e colaborador de Orsini, quando este era titular do enclave pontifício no reino de Nápoles, por este governado durante 45 anos.

As explicações do autor, no prólogo da obra, são sintomáticas para entender as intenções e as finalidades da *Galleria*:

Servono mio benevolo lettore le gallerie ne' palagi de' Principi per allettare l'occhio curioso de' Forestieri nella veduta di cose, ó per l'arte o per la natura o per la preziosità peregrine; quindi anche Io, dovendo per ubbidire al genio del mio Eminentissimo Arcivescovo Cardinale Orsini, tutto applicato al decoro della dignità pontificia, ed alle glorie della sua domenicana Religione, esporre agli occhi curiosi del Mondo il gran numero de' personaggi della medesima destinati alle mitre, ai pastorali, ed al governo de' Popoli, e per l'eccellenza della dottrina, e per la radità delle virtù e per la preziosità de' loro meriti, distintissimi; se li ho posti in una Galleria con diverse ordinanze cronologiche: perché possi prenderti piacere in vagheggiargli e deliziare a tuo bell'agio la tua mente nel riflesso delle loro eroiche geste³⁶.

Neste trecho inicial da *Galleria* é evidente que os olhos e o sentido da visão são particularmente estimulados: um artifício literário análogo àquele que o confrade Monteiro, por sua parte, tinha concebido no *Claustro Dominicano*. No caso do Cavalieri, o autor intentava estimular a tomada de consciência de quem olhava aquela *Galleria*, de maneira que a proposta – aparentemente lúdica – refletia objetivos específicos, alcançando uma tripla finalidade: estética, pedagógica e cognitiva. De forma análoga à obra de Monteiro, na *Galleria* valor lúdico e apologético confundem-se de maneira que o Cavalieri tinha conseguido transformar a ideia de infinita ramificação do corpo dominicano em qualquer coisa de compreensível e imitável, criando uma vertiginosa lista que, conectando diferentes elementos, evidenciava a doutrina, os méritos, as qualidades, “as heroicas ações” da maravilhosa multidão de religiosos considerados.

A taxonomia universal e polivalente é uma ideia sugestiva, que podemos aprofundar através da análise da gravura realizada por Francesco de Grado³⁷, na

³⁶ Giovan Battista CAVALIERI, *Galleria de sommi pontefici*, p.n.n.

³⁷ Sobre o incisor flamengo e activo em Nápoles no período 1694-1730, próximo á corte napoletana e ao mesmo cardeal Orsini: Artemisia Abrami CALCAGNI, *De Grado*, in *Dizionario Biografico degli*

abertura do volume de Cavalieri. Em particular é a força visual dessa imagem que corrobora a mensagem envolvente expressa na carta dedicatória e nos exemplos biográficos retratados na *Galleria*.

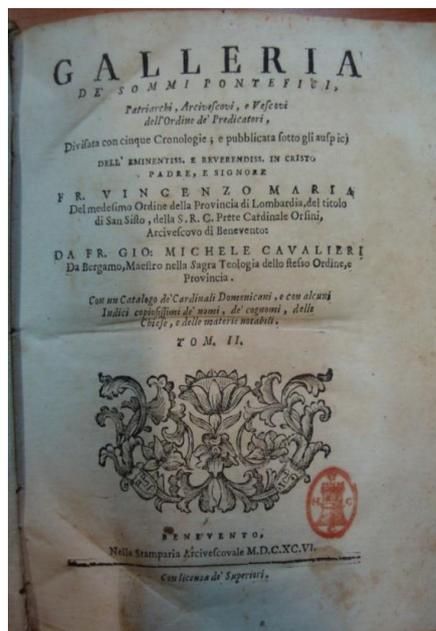


Fig. 2, Giovan Michele Cavalieri, *Galleria de Sommi pontefici, patriarchi, arcivescovi e vescovi dell'Ordine de' Predicatori*, Benevento, Stamperia Arcivescovile, 1696.



Fig. 3, Gravura de Francesco de Grado, anteporta in Giovan Michele Cavalieri - *Galleria de Sommi pontefici, patriarchi, arcivescovi e vescovi dell'Ordine de' Predicatori*, Benevento, Stamperia Arcivescovile, 1696.

Italiani, cit., vol. 36, 1988, [http://www.treccani.it/enciclopedia/de-grado_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/de-grado_(Dizionario-Biografico)/), processado em 21/12/2015.

Conforme se pode ver na imagem proposta (fig. 3), sobre uma serpentina de nuvens, estão dispostos em ordem ascendente alguns membros da ordem que, depois de terem abraçado a regra, lhes foi atribuída a tiara pontifícia, o pálio arcebispal, o pastoral ou a cruz patriarcal dupla. É sintomático desse ilimitado agrupamento a sucessão da fita à qual alude a disposição dos membros da ordem representados na gravura, um meio gráfico que expande o conceito de uma superfície bidimensional, estendida sobre um espaço tridimensional. Através desse artifício gráfico pretendia-se dissipar, talvez, a unívoca imagem do corpo dominicano, cujos membros não eram apenas entendidos como famintos cães da Fé, *Domini Canes*, ligados sobretudo aos tribunais da ortodoxia católica.

A composição alude, ainda, a uma das figuras do simbolismo ascensional: a escada³⁸. Em particular a representação é semelhante a uma estrutura helicoidal, a qual podia fazer referência à *coclea scala*, a escada em caracol, que simbolizava a subida guiada pela ambição e pela ganância. Conforme as palavras do coevo jurista Alessandro Sperelli, a escada assim configurada constituía um “*ascensum tortuosum, per rivolve, rigiri e negotiati di favori di mezi obliqui, di artifici e d’importune estortioni*”³⁹. De facto este tipo de “ascensão” era contrário à *schalam vero rectam*, ou seja, o percurso em “elevação” conseguido através das virtudes e méritos, defendido pelo canonista Sperelli no seu tratado *Il Vescovo. Opera etica, politica, sacra*, na parte relativa à eleição dos bispos.

São muitas as sugestões apontadas por esta obra apologética dominicana, a qual teve como ponto de referência outro monumental texto latino, de autoria de Frei Vincenzo Maria Fontana, datado de 1666 e intitulado *Sacrum Theatrum Dominicanum*. O mesmo texto foi muitas vezes utilizado também pelo prolífero académico e confrade português Frei Pedro Monteiro, que beneficiou da abundante riqueza informativa dessa obra redigida no principal convento da ordem em Roma.

A enciclopédica taxonomia de Vincenzo Maria Fontana, membro de uma dinastia de arquitetos que trabalharam entre Roma e Nápoles na época do Maneirismo e

³⁸ Jean Guillaume, *L’escalier dans l’architecture de la Renaissance, Actes du colloque tenu á Tours du 22 au 26 de mai 1979*, Paris: Picard, 1985.

³⁹ Alessandro SPERELLI, *Il vescovo. Opera etica, politica sacra, parte prima*. Roma: Giovan Battista e Giuseppe Corvo, 1656, p. 108.

Barroco⁴⁰, foi escrita no principal convento da Ordem, em Santa Maria sopra Minerva. Conforme quanto salientou recentemente Margherita Palumbo no *Dizionario Storico dell'Inquisizione*⁴¹, o autor fazia convergir no *Sacrum Theatrum* anteriores obras por si escritas, e em particular foram recolhidas notícias sobre os membros que se distinguiram como *Magistri Sacri Palatii* e como inquisidores em distintos Tribunais de Fé, entre os quais aquele (re)instituído em 1542 e conhecido como Inquisição romana. Além das sugestões oferecidas nessa entrada, é preciso considerar – segundo quanto evidencia o frontispício – que o *Sacrum Theatrum Dominicanum* foi oferecido ao bispo de Málaga, Frei Alfonso Enriquez, membro da ordem dos pregadores, famoso nos universos claustrais com o nome de Fray Alonso de Santo Tomás⁴². Antes do episcopado malacense (1663-1692) o religioso foi bispo de Osma (1661), depois promovido em 1662 para Placência, no fulgurante *cursus episcopal*, começado apenas aos 30 anos de idade⁴³. Esta prematura e rápida subida derivava da presumida ascendência real do prelado, filho bastardo do rei Felipe IV de Espanha. Na realidade, essa real genealogia foi sempre renegada pelo douto teólogo, que não conseguiu o cardinalado talvez devido à suposta ilegitimidade. Contudo, a biografia do bispo malacense distinguiu-se por uma afastada postura perante a família natural, diversamente da fervorosa adesão à *ordo predicatorum*: uma ligação evidente quer nos anos da sua formação, sob os ensinamentos dos dominicanos Frei Antonio Delgadillo e Frei Luís de Espinosa, quer na rocambolesca entrada de Alfonso na regra, aos 17 anos

⁴⁰ Cf. o perfil biográfico de Dario Busolini, *Dizionario Biografico degli Italiani*, 48, 1997, [http://www.treccani.it/enciclopedia/vincenzo-maria-fontana_\(Dizionario_Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/vincenzo-maria-fontana_(Dizionario_Biografico)/), processado em 21/12/2015. Sobre os Fontana, e particularmente sobre o arquitecto Carlo Fontana (1638-1714) que, a partir da segunda metade do século XVII trabalhou pela praça da Minerva e pela ampliação da Biblioteca Casanatense: Helmut HAGER, “Fontana Carlo”, in *Dizionario Biografico degli Italiani*, 48, 1997, [http://www.treccani.it/enciclopedia/carlo-fontana_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/carlo-fontana_(Dizionario-Biografico)/); Saverio STURM, “Carlo Fontana”, in Marcello FAGIOLO; Giuseppe BONACCORSO (coord.), *Studi sui Fontana. Una dinastia di architetti ticinesi a Roma tra Manierismo e Barocco*, Roma: Gangemi, 2008, pp. 432-438.

⁴¹ Cf. entrada *Fontana Vincenzo Maria*, in *Dizionario Storico dell'Inquisizione*, vol. 2, p. 610.

⁴² Jacques QUETIF; Jacques ECHARD, *Scriptores ordinis praedicatorum recensiti*, I-III voll., 1719-1723, Paris: Ballard-Simart, 1721, t. II, pp. 732-733.

⁴³ Sobre o ativo e criticado prelado dominicano: Antonio Dominguez ORTIZ, *Las clases privilegiadas en el Antiguo Régimen*, Madrid: Ed. ISTMO, 1973, pp. 225-226; IDEM, *Aspectos sociales de la vida eclesiástica en los siglos XVII y XVIII*, in Garcia VILLOSLADA (Dir.), *Historia de la Iglesia en España IV, La iglesia en la España de los siglos XVII y XVIII*, Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1979, pp. 5-72, p. 23; Maximiliano BARRIO, *El real patronato y los obispos españoles del Antiguo regimen (1556-1834)*, Madrid: CEPC, 2004, pp. 142 e 145; M. Isabel PÉREZ DE COLOSIA RODRIGUEZ; Justo Andres PÉREZ ROSA O.P., “Una polémica entrada en religión: Fray Alonso de Santo Tomás”, *Baética. Estudios de Arte Geografía e Historia*, 16, 1994, pp. 335-343; Joaquín Gil SANJUÁN, “La sinceridad de fray alondo de Santo Tomás, obispo de Málaga, cuestionada por Antoine Arnauld”, *Baética. Estudios de Arte, Geografía e Historia*, 28, 2006, pp. 413-431.

de idade, durante a cerimónia da tomada de hábito no convento de *San Domingo el Real de Málaga*, em 1648. Diversamente da ligação com a família natural, a sólida relação com a ordem (família espiritual) é um elemento ao qual parece aludir o frontispício do *Sacrum Theatrum*. Neste espaço de abertura à intimidade do livro, a presença do santo fundador/padroeiro poderia subentender a rotura com a família natural, confirmando a adesão à *beata stirps* da genealogia regular.

A análise do contexto político-social no qual foi produzida a obra do Fontana leva-nos a conjecturar outros elementos sintomáticos. De facto a obra apologética coloca-se na esteira da dinâmica e turbulenta conjuntura que agitava quer a corte de Madrid, quer os centros romanos como consequência do excessivo poder alcançado por uma preeminente figura muito próxima ao soberano, o dominicano Frei António de Sotomayor, confessor régio e inquisidor geral. Na reconstrução biográfica de Fontana, nenhuma alusão é feita à ilegitimidade do bispo nos perfis correspondentes às mitras de que foi revestido⁴⁴. Aliás, estas dignidades foram conseguidas depois de um percurso pré-episcopal no interior da ordem, apesar de ser desenvolvido longe dos estritos círculos da corte de Madrid e da burocracia inquisitorial.

Podemos, ainda, fazer uma outra reflexão mais generalizada considerando que, a progressão de Enriquez na hierarquia episcopal espanhola se inseria numa época em que os dominicanos tinham perdido o papel preponderante assumido até esse momento⁴⁵. De facto, sobretudo durante as primeiras décadas do governo de Felipe IV, continuou o turbilhão ascendente da *ordo praedicatorum* em distintos sectores próximos da corte e da pessoa do rei. Esta vantagem de proximidade com as esferas da mais alta responsabilidade distinguia-os, sobretudo, em comparação aos teólogos de outras famílias regulares⁴⁶. Instalados em lugares chaves da Inquisição espanhola ou da Universidade de Salamanca⁴⁷, os dominicanos exercitaram também um enorme poder

⁴⁴ No caso da circunscrição de Osma: “sanguinis praestantia, morum candore, sacrarum literarum peritia longe clarissimus”; sobre a última diocese atribuída: “natalium splendore, doctrina, vitaeque probitate in Ordine”, Vincenzo Maria FONTANA, *Sacrum Theatrum Dominicanum*, pp. 254-256, 265.

⁴⁵ Helen RAWLINGS, “Las órdenes religiosas y la crisis en el nombramiento de obispos en Castilla bajo Felipe IV (1621-1665)”, *Manuscrits. Revista d’Història Moderna*, 30, (2012), pp. 132-133. Assim como: “Frères Prêcheurs”, in Roger AUBERT (dir.) *Dictionnaire d’Histoire et de Géographie ecclésiastiques*, t. 18, Paris : Letouzey et Ané, 1977, pp. 1369-1410, pp. 1400-1401.

⁴⁶ Helen RAWLINGS, “Las órdenes religiosas y la crisis en el nombramiento de obispos en Castilla bajo Felipe IV (1621-1665)”, pp. 129-130.

⁴⁷ Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, *Grupos de poder clerical en las universidades hispánicas. Los regulares en Salamanca y México durante el siglo XVI*, voll. I-II, Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 2001.

como confesores dos Habsburgo inserindo-se, assim, na distribuição de títulos e das nomeações episcopais⁴⁸.

Durante o governo de Frei António de Sotomayor, confessor real (1616-1643) e inquisidor-geral (1632-1643), o influente teólogo granjeou uma enorme relevância, conseguindo 12 indigitações para sedes episcopais espanholas, distribuídas entre dois dos seus netos (depois transferidos para outras dioceses) e 10 confrades⁴⁹. Nos últimos anos de integração de Portugal na monarquia dual, esta influência sobre a consciência de Felipe IV, permitiu também alcançar algumas prelaturas lusitanas⁵⁰. Além das nomeações na Península Ibérica, o favor deste poderoso dominicano estendeu-se ainda às escolhas episcopais das dioceses de padroado real no reino de Nápoles⁵¹, como mostra claramente uma consulta de 1638. É exemplificativa a nomeação do arcebispo de Reggio - uma das mais ricas dioceses napolitanas naquela conjuntura - a qual foi manobrada por Sotomayor que intercedeu junto do presidente do Conselho de Itália, cardeal Borja, para favorecer um eminente franciscano⁵².

Além desse singular exemplo, que de facto não teve êxito por outras dinâmicas eletivas, podemos supor que a intermediação de Sotomayor atingiu as indigitações que recaíram sobre os seus confrades, nomeados para dioceses do sul da península italiana naqueles anos.

⁴⁸ María Amparo LÓPEZ ARANDIA, “Dominicos en la corte de los Austrias: el confesor del rey”, *Tiempos Modernos*, Monográfico: “Estudios sobre la Iglesia en la Monarquía Hispánica”, 20, 2010/1, pp. 1-30.

⁴⁹ Sobre o colaborador do Olivares que acumulou eminentes cargos políticos, teve uma forte influência na escolha dos candidatos nas ternas episcopais e inquisitoriais além de outros ofícios: Jaime CONTRERAS, *El Santo Oficio de la Inquisición de Galicia. Poder, sociedad y cultura*, Madrid: Akal Editor, 1982, pp. 211-212; Helen RAWLINGS, “Las órdenes religiosas y la crisis en el nombramiento de obispos”; Leandro Martínez PEÑA, *El confesor del rey en el Antiguo Régimen*, Madrid: Editorial complutense, 2007, pp. 443- 464; Juan Ignacio PULIDO SERRANO, *Os Judeus e a Inquisição no tempo dos Filipes*, Lisboa: Campo da Comunicação, 2007, pp. 109-133; deste mesmo autor também a sintética entrada *Sotomayor Antonio de*, in *Dizionario Storico dell’Inquisizione*, vol. 3, p. 1463.

⁵⁰ José Pedro PAIVA, *Os Bispos de Portugal e do Imperio*, pp. 437, 445. Retoma estas considerações também o catálogo cronológico de Eduardo Javier Alonso Romo, “Obispos dominicos en Portugal y su Imperio (siglos XVI-XX)”, *Archivo Dominicano*, nº 33, 2012, pp. 343-387, p. 387; por outros exemplos: Ana Isabel LÓPEZ-SALAZAR CODES, *Inquisición y Política. El gobierno del Santo Oficio en el Portugal de los Austrias (1578-1653)*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011, pp. 23, 61,108.

⁵¹ Mario SPEDICATO, *Il mercato della mitra. Episcopato regio e privilegio dell’alternativa nel regno di Napoli in età spagnola (1529-1714)*, Bari: Cacucci, 1996.

⁵² Archivo Histórico Nacional Madrid, *Estado 2069*, consulta Nápoles 26 agosto 1638. A influência de Sotomayor pode-se entrever desde quando o dominicano revestia o cargo de prior de S. Estevão de Salamanca em 1612, sobretudo nas suas relações mediatas pelo cardeal Scipione Borghese, protetor da ordem na cúria romana: Stefano FORTE O.P., “I domenicani nel carteggio del card. Scipione Borghese protettore dell’ordine (1606-1633)”, *Archivum Fratrum Praedicatorum*, nº 30, 1960, pp. 351-416, p. 370.

Apesar destas conjecturas, que não podemos avaliar nesta fase da pesquisa, é certo que o excesso de poder alcançado pelo dominicano de origem galega, apoiado pelo conde-duque de Olivares⁵³, rebentou em 1643, quando foi forçado a renunciar aos importantes cargos exercidos. Uma solução imposta por Roma, quando já era evidente que tinha ultrapassado os limites na orientação de muitas carreiras episcopais e inquisitoriais.

É possível pensar que a obra apologética de Fontana coloca-se na esteira dessa dinâmica e turbulenta conjuntura, a qual agitava quer a corte de Madrid, quer os centros romanos⁵⁴. Até agora o *Sacrum Theatrum* foi considerado univocamente como um texto elaborado em defesa do Tribunal da Fé, descuidando quer a quem foi oferecida, quer a ampla e global reconstrução das glórias episcopais dominicanas eleitas pelas dioceses do orbe católico.

Na ordem dos pregadores esse precioso aporte do historiador Fontana é inegável, como mostra a declaração do erudito abade Ferdinando Ughelli entre os aparatos paratextuais das aprovações da obra⁵⁵. Mais tarde, o enciclopédico modelo dominicano tornou-se, inclusivamente, uma pedra angular dos volumes do confrade Cavalieri e do português Frei Monteiro. Diferenciando-se destes textos em vernáculo, o *Sacrum Theatrum* alcançava através da erudita língua latina uma escala global, estabelecendo múltiplas ligações de conhecimento, de trocas entre homens e recursos, entre centros e periferias político-religiosas. Num período em que se multiplicaram também as províncias dominicanas, esse crescimento era fonte de instabilidade e de intrigas que paralisavam singularmente o governo da ordem, que muitas vezes recorria aos soberanos e à Santa Sé para dirimirem as suas questões.

O texto em latim proporciona outros aspetos distintivos com o objetivo de alcançar um vasto e erudito público de leitores. De facto, assim como as outras obras em vernáculo, fazia referência a uma estrutura arquitetónica, usando artifícios

⁵³ Fernando NEGREDO DEL CERRO, “Gobernar en la sombra. Fray Antonio de Sotomayor confesor de Felipe IV. Apuntes políticos”, *Mágina. Revista Universitaria*. Monográfico: “Las elites eclesiásticas en la Europa Moderna”, nº 13, 2009, pp. 85-102.

⁵⁴ Sobre importantes conflitos religiosos entre Espanha e Papado que entroncaram-se às questões jurisdicionais nas primeiras décadas do século XVII: Maria Antonietta VISCEGLIA, *Roma papale e Spagna. Diplomatici, nobili e religiosi tra due corti*, Roma: Bulzoni Editore, 2010, pp. 173-263.

⁵⁵ Cf. a declaração do abade cisterciense Ughelli, desde Roma 15 de Junho de 1665, Vincenzo Maria FONTANA, *Sacrum Theatrum Dominicanum*, p.n.n.. Sobre a importância deste autor e da sua volumosa produção literária pela geografia diocesana italiana: Adelisa MALENA, *Il Contributo Italiano alla Storia del Pensiero – Politica* (2013), [http://www.treccani.it/enciclopedia/ferdinando-ughelli_\(Il-Contributo-italiano-alla-storia-del-Pensiero:-Politica\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/ferdinando-ughelli_(Il-Contributo-italiano-alla-storia-del-Pensiero:-Politica)/), processado em 21/12/2015.

linguísticos com o propósito de maravilhar o leitor. No listel da gravura do frontispício, por exemplo, a inscrição “*SAC. MONVM. DOMIN*”, celebrava identidades coletivas e individuais, jogando também com a indeterminação da última palavra. Desta maneira, aquele texto tornava-se num *Monumentum* consagrado simultaneamente aos *Domini Canes*, ao *Dominicus* e ainda ao *Dominus*. Interpretado segundo esse propósito, o título aludia tanto a uma obra através da qual se oferecia uma visão completa dos membros instituídos; assim como do santo patriarca; ou, finalmente, representava uma edificante construção teológica oferecida ao Senhor.

O volume de Fontana apresenta outros elementos plásticos de reflexão considerando que, por um lado, foi dedicado ao jovem prelado espanhol Frei Alfonso, à época objecto de crítica pelos motivos já apontados; por outro, foi editado a seguir da conjuntura nepotista no interior da ordem, marcada pelo governo de Sotomayor. Também nessa obra literária, a gravura (de autoria de Ciro Ferri) que antecipa o frontispício contribuía para corroborar o intento apologético, sintetizado através de uma iconografia específica.



Fig. 4, Gravura de Ciro Ferri, in Vincenzo Maria FONTANA, *Sacrum Theatrum Dominicanum*, Roma: Tyrographia Nicolai Angeli Tinassi, 1666.

Conforme se pode ver na imagem (fig. 4), são representados os fiéis tutores da ortodoxia, segundo o tradicional emblema do cão com a tocha ardente entre as alegorias da Religião católica. Perante tais figuras, dispostas na parte inferior da gravura, era o patriarca espanhol que predominava na composição: São Domingos era representado com a estrela na frente, sentado sobre uma coluna de nuvens, ladeado pelo lírio da pureza e pelo livro da Sagrada Escritura, ambos sustentados por anjos⁵⁶. Naquela composição, os tradicionais atributos do santo fundador tornavam-se pontos de referência absolutos quer para a comunidade, quer para o bispo Enriquez. Aliás, é sintomático o gesto de São Domingos que indicava as seguintes palavras do livro: “*Flores mei Fructus Honoris et Honesti*”. De facto estas indicações verbais retomavam o versículo em latim do *Livro do Sirácida*: “Estendi os meus ramos como o teberinto:/ os meus ramos são ramos de honra e de graça./Cresci como a vinha de frutos de agradável odor, /e as minhas flores são frutos de glória e de riqueza” (Sir.24, 16-17).

Esta máxima ética sobre a origem e a importância da Sabedoria constituía um incisivo e aliciante convite ao arquétipo ideal de perfeição, naqueles anos de crise que afetaram a congregação. Ao mesmo tempo esta referência bíblica, legitimando a oração do fundador da ordem dominicana, sintetizava uma realidade oral e gestual, fazendo interagir impulsos da alma e do corpo⁵⁷. No *Livro do Sirácida*, conhecido também como *Eclesiástico*, essa exortação implantava-se num trecho importante expresso pelo autor bíblico (Sir. 24:13-17)⁵⁸. De facto, tornando-se mestre pelas novas gerações e porta-voz da Sabedoria, com o fim de exaltar o desenvolvimento desta capacidade divina, criava uma espécie de mapa geobotânico dos territórios sobre os quais se estendia. Para afirmar a imponência, beleza e vitalidade da Sabedoria Divina, o autor estabelecia uma comparação com as árvores, plantas e flores crescidas nas terras de Palestina ou do Próximo Oriente; através da altura e largura das mesmas, expressava a ideia de

⁵⁶ Sobre a iconografia dominicana : Louis RÉAU, *Iconographie de l'art chrétien, t. III, Iconographie des saints, A-F*, Paris: Presses Universitaires de France, 1958, pp. 391-398.

⁵⁷ Jean Claude SCHMITT, “Entre le texte et l'image: les gestes de la prière de Saint Dominique”, in Richard TREXLER (ed.), *Persons in Groups. Behaviour as Identity Formation in Medieval and Renaissance Europe, Sixteenth Annual Conference of the Center for Medieval and Early Renaissance Studies*, New York : Binghamton, 1985, pp. 195-214; *Idem*, “De la prière à l'extase”, in *Idem, La raison des gestes dans l'Occident médiéval*, Paris: Gallimard, 1990, pp. 289-320.

⁵⁸ Pela compreensão do texto cf.: Giuliano VIGINI, *Siracide, Testo e note di commento a fronte*, Milano: Ed. Paoline, 2007, pp.146- 147; Nuria Calduch BENAGES, *Un gioiello di sapienza. Leggendo Siracide 2*, Milano, Ed. Paoline, 2001.

imensidade do espaço ocupado; finalmente, através da sua fecundidade, lembrava a abundância dos frutos produzidos⁵⁹.

Podemos pensar que o autor do *Sacrum Theatrum* quis criar um atrativo paralelo com aqueles notáveis versos do Antigo Testamento? Por meio da metáfora do exótico jardim, possivelmente, o erudito Frei Vincenzo Maria Fontana entendeu comunicar a extensão e o grande número dos “frutos” e “flores” da árvore dominicana?

Apesar dessas perguntas, o padrão primordial de pureza, centrado na figura do santo patriarca, transmitia uma mensagem não muito diferente daquela representada na obra do Cavalieri que, por sua vez, exaltava os membros admitidos no corpo dominicano e elevados à dignidade eclesiástica por sabedoria, virtudes e méritos “distintíssimos”. As duas enciclopédicas coleções, embora por meio de linguagens desiguais – talvez por serem oferecidas a prelados distintos – assumem uma função complementar: fortalecer a memória identitária da própria ordem dos pregadores; comunicar a ideia de uma ramificação diversificada e universal; transmitir, finalmente, uma imagem incarnada naqueles que se tinham distinguido em doutrina e ciência teológica. Dessa forma, reavivando a memória e a consciência histórica da povoada família dominicana, ambos autores mostravam a um extenso público a sua própria identidade e o valor perene das suas tradições.

Essas pedras fundamentais do discurso arquitetónico elaborado na península italiana, foram retomadas no *Claustro dominicano* do autor português que, sobretudo através de formas verbais, elaborou um código expressivo para a definição hierárquica e político-socio-cultural do conjunto individual e coletivo da ordem dos predicadores em Portugal e no seu império. Também o académico Frei Pedro Monteiro mostrava a identidade da sua própria ordem, evidenciando o valor perene das suas tradições socioculturais, reativando a memória da ordem a cuja extensão era global além que plurissecular.

Organizadas conforme taxonomias eruditas ou listas iconográficas, estas formas representativas inseriam-se na sociedade e nas hierarquias do clero regular, em momentos específicos de reposicionamento das ordens religiosas, de nova ou antiga fundação. Apesar das diferenças encontradas, é evidente o sintomático simbolismo

⁵⁹ Sobre as referências da simbologia botânica, Sónia Talhé AZAMBUJIA, *A linguagem simbólica da natureza. A flora e fauna na pintura seiscentista portuguesa*, (Prefácio de V. Serrão), Lisboa, Nova Vega, 2009.

transcendente que animou os distintos veículos intelectuais analisados entre final do século XVII e a primeira metade do seguinte. Em particular o estratagema visual centrado no turbilhão dos confrades elevados aos níveis mais dignos da hierarquia eclesiástica, permitia esfumar a imagem predominante de uma militância dos seus correligionários nos tribunais inquisitoriais, exaltando os membros que alcançaram uma mitra, um pastoral, um palio, até uma tiara pontifícia, devido à sua sabedoria, gesta e valores.